

**ZEFERINO BRAZIL NA REVISTA *PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO* E NO
“CADERNO DE SÁBADO” (DO *CORREIO DO POVO* – RS):
ASPECTOS BIOBIBLIOGRÁFICOS**

Regina Kohlrausch
PUCRS

Entre 1945-1957 e 1967-1981 circulou, em âmbito regional e também nacional⁴⁰, a revista *Província de São Pedro*, editada pela livraria do Globo, de Porto Alegre, e o “Caderno de Sábado”, suplemento literário publicado pelo jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre, respectivamente. Nesses dois veículos de comunicação encontram-se referências acerca da literatura brasileira e estrangeira anterior e/ou contemporânea à época das publicações dos referidos meios de comunicação, entre elas, textos sobre a vida e a obra de Zeferino Brazil⁴¹, conhecido como cronista, romancista, dramaturgo, crítico, mas reconhecido, principalmente, como poeta, obtendo, por isso, o epíteto “Príncipe dos poetas rio-grandenses”, devido à sua expressiva e notória sensibilidade poética, conforme Augusto de Carvalho (1945)⁴²,

romancista de vastos recursos, prosador imaginoso e ágil, lidador da imprensa diária, humorista fino e mordaz, orador elegante e fluente, tudo isto Zeferino Brasil (sic) conseguiu ser! O Poeta, porém, constituía o feitio integral daquele espírito cheio de harmonias e de doçuras infindas!

A leitura dos artigos publicados nos mencionados veículos permite verificar a atualidade e consequente permanência de determinada obra e autor no sistema literário regional e/ou nacional. No caso específico desta comunicação, o tema volta-se para Zeferino Brazil, lembrado em diversas oportunidades pelos colaboradores da revista *Província de São Pedro* e também do suplemento literário “Caderno de Sábado”, como será mostrado na sequência deste texto, que busca apontar semelhanças e diferenças e/ou a reiteração de aspectos específicos das obras abordadas. Visa, ainda, contribuir com o resgate da memória e de referências precisas no que se refere à atuação desse Autor na literatura brasileira e, consequentemente, na cultura nacional.

A revista *Província de São Pedro*⁴³, editada pela Livraria do Globo, de Porto Alegre, circulou durante doze anos. Em 1945 e 1947 a publicação foi quadrimestral; em 1946, foram editados quatro fascículos, em 1948, 1949 e 1951, dois fascículos, entre 1952 e 1955, apenas um fascículo anual, em 1950 e 1956 não houve publicação, e, em 1957, após a edição de apenas um

⁴⁰ Considerando que exemplares da *Revista* eram enviados para outros Estados e que o jornal *Correio do Povo* era vendido em bancas e quiosques em diversas cidades das regiões do Brasil.

⁴¹ O Acervo Literário de Zeferino Brazil encontra-se, atualmente, depositado no DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS, cujo catálogo de documentos está disponível em www.pucrs.br/delfos

⁴² Conforme texto intitulado “Zeferino Brazil: poeta criador de harmonias”, cuja data e local de publicação, na cópia disponível, encontram-se ilegíveis, mas é possível situar a data a partir de 3 de outubro de 1942. (Cópia disponibilizada em brochura intitulada *Zeferino Brazil, o príncipe dos poetas: cartas e recortes de jornais*, registrada na Biblioteca Central Ir. José Otão, da PUCRS, sob o nº 0.190.205-6).

⁴³ A coleção completa da Revista está digitalizada em CD-ROM, *Revista Província de São Pedro (1945-1957) – Catálogo e Texto PUCRS-CNPq –FAPERGS*, Lei de Incentivo à Cultura/RS, Livraria do Globo, que está disponível, para pesquisa, no Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultural, situado no 7º andar da Biblioteca Central Ir. José Otão da PUCRS. Os originais encontram-se no setor de obras raras da mesma Biblioteca, situado no 6º andar.

fascículo anual, a publicação foi interrompida devido a problemas financeiros. A direção da revista, no período de circulação, esteve a cargo de Moysés Vellinho, que tinha como objetivo “fomentar, no Rio Grande do Sul, as obras da inteligência, através do ensaio, da crítica, da ficção, da poesia, de todas as manifestações do pensamento”. O Diretor destaca, ainda, que a *Revista*, “sem impor limites à sua orientação nem sentido ideológico ao seu programa, pretende converter-se no centro de coleção, seleção, estímulo e irradiação das atividades culturais que se processam nesse extremo sul do país” (junho, 1945).

Em consonância com o objetivo proposto, cada fascículo compõe-se de seções textuais diversas, destacando-se aquelas relacionadas aos assuntos literários como, por exemplo, Letras Estrangeiras, Recortes e Transcrições, Livros e Ideias, Documentos Literários, Arquivos, Propaganda de obras publicadas na época. Tinha como colaboradores diversos nomes do sistema literário do Sul bem como dos demais Estados do Brasil, entre eles: Manoelito de Ornellas, Guilhermino Cesar, Dyonelio Machado, Augusto Meyer, Mario Quintana, José Salgado Martins, Carlos Reverbel, José Lins do Rego, Gilberto Freyre, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Otto Maria Carpeaux, Paulo Rónai, Lucia Miguel Pereira, Antonio Candido, Athos Damasceno, Mozart Victor Russomano, Carlos Dante de Moraes, que participavam com textos literários e/ou leituras críticas descrevendo e analisando o sistema literário regional e/ou nacional ou trazendo informações sobre a literatura produzida no estrangeiro, relativos às produções contemporâneas da época ou anterior à época.

No que se refere à vida e à produção literária de Zeferino Brazil na revista *Província de São Pedro*, localizou-se seis textos que mencionam o nome do poeta. O primeiro, “Presença de um Gigante”, de José Lins do Rego, publicado em 1945, primeiro fascículo, caracteriza-se como uma espécie de resenha publicada anteriormente no jornal *A Manhã*, do Rio de Janeiro, que trata de uma “edição definitiva das obras de Eduardo Guimaraens, com notas e prefácio de Mansueto Bernardi” (1945, p. 162). No texto, José Lins do Rego situa Eduardo Guimaraens em “uma geração que se consumia na forma, no apego ao exterior da poesia”. Segundo ele, os “grandes poetas do começo do século ainda esculpiam palavras, em vez de procurar, da poesia, a sua essência musical. O verso era um pedaço de mármore que se tratava como baixo relevo. Nada daquela íntima música que se dirigia à alma”. Em função disso, para Rego, “os simbolistas brasileiros, como Cruz e Sousa, não seriam mestres de música de câmara, homens de quartetos de pau e corda. [...] Seriam eloquentes, mais eloquentes do que musicais”. Na sequência, volta-se para a poesia gaúcha, afirmando: “a poesia gaúcha andava em tempos de bons poetas, com Alceu Wamosy, Marcelo Gama, Zeferino Brazil (sic), todos homens de sensibilidade que as circunstâncias não permitiram que dessem tudo o que deviam”.

O segundo texto, “Sacadas e sacadinhas porto-alegrenses”, de Athos Damasceno, publicado no número 2 da revista, em 1945, trata da existência significativa de sacadas nas casas e sobrados da cidade de Porto Alegre, buscando atribuir uma origem e uma função, ou seja, “mais tarde, sim, foi que a sacada deixou de ser apenas formosa e pimpona, para ser também prestativa, e serviçal, e proveitosa”. Passa então a descrever a função prestativa das sacadas aos diversos segmentos sociais, entre eles, “As sacadas e os poetas”. Conforme Damasceno, após aludir aos textos de Bocaccio e Shakespeare:

Aqui entre nós não havia torres. Nem senhores feudais. E, muito menos, frágeis castelãs. As nossas torres e torreões eram os sobrados e os sobradinhos. O senhor feudal chamava-se: Seu Juequim. E as nossas Julietas e Margaridas, além de responderem pelos nomes de Yayá ou Praxedinhas, não era pálidas nem diáfanas. Pelo contrário, - eram sólidas e pernudinhas ...

Mas havia sacadas. E isto era o bastante.(1945, v. 2, p. 71).

E foram a elas, segundo Damasceno, que “os bardos provincianos – caixeiros geralmente (Zeferino Brasil (sic) foi caixeiro, Marcelo Gama foi caixeiro. Chega!) – agarravam-se a elas. Com unhas e dentes. A tradição era forte e não havia como fugir-lhe ao império teimoso”. Usando como exemplo uma quadrinha de um “vate anônimo”, Damasceno encerra o segmento afirmando que “entravam, assim, as sacadas na História da nossa literatura”.

A terceira referência ao poeta encontra-se no texto “Elementos populares no trovadorismo galaico-português”, de Sílvio Júlio, publicado em junho de 1949, no v. 5, n. 13, quando o autor do artigo, comentando sobre as cantigas e sua caracterização, em geral, inclui Zeferino Brasil ao lado de Nuno Fernandes Torneol entre os que agem como artista na construção de suas cantigas paralelística:

As voltas, os arrebites, os seleccionados e comedidos termos dessa simplicidade voluntária, Nuno Fernandes Torneol não os teve menos de que Antonio Correia de Oliveira, Belmiro Braga, Antonio Nobre, Zeferino Brasil (sic), quando também tentavam fazer-se fluentes e elegantes ao mesmo tempo. Se aquela canção paralelística de Nuno Fernandes Torneol é alguma espécie popular, *Os Lusíadas* são poesia lírica e os sonetos de Cruz e Sousa são folclóricos. (1949, v. 5, n. 13, p. 131).

A quarta referência encontra-se em “A obra de Lobo da Costa”, de Mozart Victor Russomano, publicado em junho de 1952, v. 7, n. 17. Nesse texto, que trata da obra do poeta Lobo da Costa, o nome de Zeferino Brasil é citado no momento em que se alude à consagração de Lobo da Costa como patrono de uma das cadeiras da Academia Rio-Grandense de Letras:

Elevaram-no [Lobo da Costa] a patrono de uma das cadeiras da Academia Rio-Grandense de Letras – aquela que viria a ser ocupada por Zeferino Brasil (sic), o maior jogral, cujas forças intelectivas ainda vivem na literatura gaúcha e cujas últimas forças orgânicas, nos milagres da recomposição e da metamorfose, se devem ter sublimado no seu derradeiro desejo de serem hoje um berço, um leito de noivado ou a imagem divinizada de algum santo – algo enfim, que tenha, nas dobras da sua materialidade fugaz, a poeira de luz do encantamento e do eterno. (1952, v. 7, n. 17, p. 125).

A quinta menção está no texto “A vida silenciosa de Alfredo Ferreira Rodrigues”, de Mozart Victor Russomano, publicado em dezembro de 1953, v. 8, n. 18, que versa sobre a vida, a produção literária e a função histórica de Alfredo Ferreira Rodrigues, já nomeado no título do mesmo artigo. Segundo Russomano, foi escrevendo versos que

Rodrigues melhor escondeu a sua identidade, o que pode ser facilmente compreendido: o conteúdo sentimental de seus poemas era todo íntimo, familiar. Seus versos são a crônica de sua vida, de seus amores paternos, de seus sofrimentos e de suas esperanças domésticas. Não poderiam, portanto, ser franqueados ao conhecimento público. Zeferino Brasil (sic) acentuou a doçura dessa poesia familiar, tão ao gosto dos ingleses, que Rodrigues começou a introduzir no Rio Grande do Sul, no estilo de William Cooper. (dez. 1953, v. 8, n. 18, p. 52).

Na sequência, Zeferino Brasil é citado em dois momentos distintos. O primeiro, quando autor do artigo comenta sobre a publicação da obra *Poema do lar*, de Rodrigues, sob o pseudônimo de Manuel de Souza e Azevedo, informando que “o pseudônimo seria, certamente, mantido, pois foi sob essa capa que o autor se apresentou a Zeferino Brasil (sic), colhendo do saudoso poeta gaúcho um prefácio encomiástico, até hoje inédito” (dez. 1953, v. 8, n. 18, p. 53). Conforme Russomano, nesse livro está o poema “O relógio”, considerado por Rodrigues “uma de suas obras-primas”, e o poema “Grulha”, dedicado ao filho morto, cujos versos “chamaram, especialmente, a atenção de críticos diferentes e distantes, a um só tempo: fizeram-lhe referências especiais Pinto da Silva, no Rio de Janeiro, Zeferino Brasil (sic), em Porto Alegre, e Mário Artagão, que se encontrava no

Monte Estoril, em Lisboa” (dez. 1953, v. 8, n. 18, p. 53). O segundo, quando Russomano fala de Rodrigues tradutor, especialmente da tradução do poema “O corvo”, de Edgar Allan Poe, traduzido também por Machado de Assis. Conforme Russomano, Rodrigues publicou cinco traduções do poema e comentou acerca da tradução de Machado: “Não se pode negar que Machado de Assis fez uma tradução bonita, em versos corretos. Mas não interpretou, rigorosamente, o sentido do poema nem lhe respeitou a execução esmeradamente trabalhada”. Russomano conta ainda que Rodrigues publicou a tradução de Machado, mostrando-se seguro do resultado obtido e que, mais tarde “Zeferino Brasil (sic) diria a mesma coisa” (dez. 1953, v. 8, n. 18, p. 54).

A sexta e última referência ao poeta Zeferino Brazil nos textos publicados na *Província de São Pedro* ocorreu em “Condições histórico-sociais da literatura rio-grandense”, de Carlos Dante de Moraes, em junho de 1954, v. 9, n. 19, artigo que busca dar conta de um esboço cronológico da literatura sul-rio-grandense, abarcando um período de “meados de 1800” até 1954, ano de publicação do texto em análise. Neste texto, Moraes cita Zeferino Brazil como um nome que deve ser acrescentado na história literária do Rio Grande do Sul como romancista:

É interessante assinalar que, de 1900 até o modernismo, os gêneros de ficção – conto, novela, romance, teatro, – desaparecem quase totalmente da literatura, à parte o regionalismo. João Pinto da Silva, na *História literária do R. G. do Sul*, refere-se a um único romancista surgido nesse período, um rio-grandense residente em São Paulo, mas não desligado afetivamente do seu rincão: Canto e Melo... A este nome, cumpre-nos acrescentar o de Zeferino Brasil (sic), com o romance *O meio*, de intenção e fatura naturalista. (jun. 1954, v. 9, n. 19, p. 12).

Levando em conta as referências destacadas, pode-se concluir que Zeferino Brazil é lembrado: a) como pertencente ao grupo de bons poetas, mas que “as circunstâncias não permitiram progredir como deviam”, conforme Lins do Rego; b) como “bardo provinciano” que exerceu a atividade de caixeiro; c) como artista que “age na construção de cantigas paralelísticas”, ao lado de Nuno Fernandes Torneol; d) como aquele que ocupa a cadeira de Lobo da Costa na Academia Rio-Grandense de Letras; e) como aquele que “acentuou a doçura da poesia familiar, tão ao gosto dos ingleses”, como “saudosos poeta gaúcho que escreveu um prefácio para a obra *Poema do lar*, de Alfredo Ferreira Rodrigues” e como aquele que valida a tradução do poema “O corvo”, realizada por Rodrigues, segundo Russomano; f) como “romancista sul-rio-grandense”, em função da obra *O meio*, a ser acrescentada na história literária do Rio Grande do Sul, de acordo com Dante de Moraes.

O jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre, teve sua primeira edição em 1º de outubro de 1895 e circulou até o ano de 1984, retornando, sob nova direção em 1986. Entre setembro de 1967 e janeiro de 1981 circulou, como suplemento literário do jornal, o encarte intitulado “Caderno de Sábado”⁴⁴, com o objetivo de “transmitir aos leitores informações sobre acontecimentos culturais relacionados à História, à Literatura, à Filosofia, às Artes e aos fatos históricos do Estado bem como de sua capital”. No decorrer dos seus catorze anos de circulação, o suplemento “Caderno de Sábado” tratou e retratou diversos fatos culturais contando com a colaboração de diversos intelectuais do Rio Grande do Sul, do Brasil e do exterior. Do conjunto retratado, destaca-se, nesse veículo, a referência ao poeta, cronista, romancista e dramaturgo Zeferino Brazil, mencionado em onze textos, sendo seis deles de autoria de Olyntho Sanmartin, e os demais de autores distintos, entre os anos de 1968 a 1980.

⁴⁴ Projetado, com o apoio do diretor Breno Caldas, por Oswaldo Goidanich (1917-1995), profissional do setor das artes e do turismo gaúcho, atuando principalmente como jornalista e produtor cultural, e Paulo Fontoura Gastal (1922-1996), reconhecido crítico de cinema, conforme site www.pucrs.br/delfos. Acesso em: 10 abr. 2014.

Em “O mundo cultural de Porto Alegre na década de 1920”, de Olyntho Sanmartin, publicado em 18 de maio de 1968, p. 11, trata do resgate de “importantes nomes” de letras (setenta, ao todo), em Porto Alegre, na década de 1920,

que se moviam e se articulavam numa linha clássica dentro dos princípios instituídos pelas suas próprias produções literárias. Eram poetas, ficcionistas, ensaístas, jornalistas, homens de pensamento que determinavam a gradação de um clima cultural onde não faltavam artistas plásticos de mérito.

Nesse elenco, situa-se Zeferino Brazil, considerado o maior poeta lírico: “O nosso maior poeta lírico Zeferino Brazil continuava a desfolhar a coroa de louros que sua fama conquistara através de tantos livros de poesia que escrevera. Zeferino Brazil não era só poeta, era também cronista, ensaísta e tentou o teatro”.

No mês seguinte, em 22 de junho de 1968, p. 8-9, em “O mundo cultural de Porto Alegre na década de 1920”, continuação do texto anterior, Olyntho Sanmartin volta-se para a descrição dos livros editado em Porto Alegre entre 1920 e 1934⁴⁵, para as publicações feitas no interior ou em outras cidades e regiões do Brasil, além da descrição das produções de outros setores de expressão artística (pintura, escultura, música, dramática). Nessa seleção, Zeferino Brazil aparece na relação de 1922, com o livro *O meio*, de 1924, com *Teias de luar*, e de 1932, com *Boêmia da pena*.

Em abril de 1970, mais especificamente em 25 de abril de 1970, o “Caderno de Sábado” presta uma homenagem especial a Zeferino Brazil em função do centenário de seu nascimento, apresentando o texto “Um centenário: Zeferino Brasil (sic)”, de Olyntho Sanmartin; “Zeferino Brasil, comentarista do dia a dia”, de Walter Spalding; a transcrição do “Poema da saudade”, inédito, escrito em 1927; a transcrição do soneto dedicado a sua esposa Celina, de 1930, ao completar 39 anos de casados; a transcrição do soneto “Mãe”, consagrado às mães, de 1941; e fac-símile da capa de *Versos antigos*, de próprio punho de Zeferino, exemplar único confiado a Olyntho Sanmartin antes da morte do poeta. Nas cinco páginas do “Caderno”, junto aos textos, uma seleção de fotos ilustra passagens da vida do poeta.

No texto “Um centenário: Zeferino Brasil”, Sanmartin comenta a produção lírica iniciada em 1890, com a publicação do livro *Alegros e surdinas*, e destacando o significado e a qualidade artística do poeta, entre elas:

Foi um grande lírico, poeta que se tornou uma imagem destacada, inconfundível, que punha toda a grandeza da sua sentimentalidade nos versos que escrevia. Editou oito livros exclusivamente de versos, de poesia pura, cromáticos, com muita expressão humana quando o amor se coloria de carícias com todas as vozes da arte. Sua originalidade lírica era exatamente cantar melodias de um teor clássico sem vestígios de vulgaridade. A rapsódia era-lhe como uma liturgia num bailado de ritmos. Seus versos agradavam sempre, um príncipe que espargia tesouros rimados, um nome que uma geração sucedida por outra, exaltava no próprio silêncio da contemplação. As classes esclarecidas rendiam-lhe um culto consagrador marcado pelo seu processo poético que nasceu com ele. (25 abr. 1968, p. 7)

No texto “Zeferino Brasil, comentarista do dia a dia”, Spalding traça uma biobibliografia de Zeferino, salientando sua formação, o conjunto de sua produção literária e, principalmente,

uma de suas facetas mais interessantes, a do poeta humorístico e crítico, do dia a dia, comentando acontecimentos sociais e políticos.”

⁴⁵ A delimitação do período deve-se ao tempo de existência do ciclo “As horas de Arte”, do Clube Jocotó, dirigido pelo Dr. Mário Totta, durante o decênio de 1925-1934, informado pelo próprio autor, neste mesmo texto.

Há, em todas essas poesias que ficaram esparsas na sua grande maioria, bastante espírito, sal e pimenta e, não raro, um pouco de perversidade. Folheando as coleções de “A Federação” e do “Correio do Povo”, tivemos a mais ampla visão do poeta do dia a dia, do comentarista em verso, do crítico, do humorista, do venenoso “Mefisto!”, “Diabo Coxo” ou “Diávolo”⁴⁶. (25 abr. 1968, p. 8)

Em 30 de setembro de 1972, página 15, novamente o “Caderno de Sábado” serve de veículo, com o texto “Zeferino Brasil (1870-1942)”, de Pedro Villas-Bôas, para homenagear o poeta. Villas-Bôas, ao lembrar a vida e obra de Zeferino, neste ano que completa trinta anos de sua morte, conclui seu texto sugerindo à Câmara de Vereadores da Capital, “para que dê a um dos logradouros públicos de nossa cidade o nome de Zeferino Brasil – Poeta, cronista, crítico, romancista e teatrólogo”.

Ainda no ano de 1972, no dia 25 de novembro, página 4 do “Caderno de Sábado”, Olyntho Sanmartin publica o texto “Zeferino Brasil e a Academia Brasileira de Letras”, no qual transcreve a carta que Zeferino escreveu a Dyonélio Machado manifestando contrariedade referente à sua candidatura à vaga na Academia Brasileira de Letras. Para Sanmartin, Zeferino Brasil é

o poeta máximo da última geração extinta, apresenta uma fisionomia histórica verdadeiramente singular. Seu nome como poeta de raízes inalteráveis cresce diuturnamente e mais se avoluma no cenário da literatura rio-grandense na proporção em que ele mais se afasta na profundidade do tempo. Zeferino Brasil viveu sua longa hora de prestígio, glorificado e amado pelos intelectuais, pelos homens de alta concepção criadora, pelos que veneram a beleza e sabem entregar-se às emoções líricas da poesia. (25 nov. 1972, p. 4)

Em 28 de agosto de 1974, Heitor Saldanha toma posse na cadeira n. 24 da Academia Rio-Grandense de Letras, que tem como patrono o poeta Zeferino Brasil. O discurso “Zeferino Brasil: um poeta estranho”, proferido naquele dia, foi publicado no “Caderno de Sábado” de 28 de setembro de 1974. Nesse texto, depois de versar sobre a sua carreira literária e seus contatos com o Rio Grande do Sul, Saldanha volta-se para Zeferino Brasil, situando-o “na transição da escola Romântica para a Parnasiana”. Para ele,

Zeferino Brasil – considerado pela crítica o maior poeta parnasiano do Rio Grande do Sul – é por alguns, em pelo menos dois de seus livros, “Visão do ópio” e “Na torre de Marfim”, visto como simbolista. Motivo de estudo. Em todo caso, tratando-se de um poeta estranho, um pouco anjo, um pouco demônio, como afirmam seus críticos, tudo é possível. A mim me parece que seus sonetos de amor, em forma e conteúdo, são poemas românticos. Entretanto é preciso que se observe a leveza transparente que há em muitos desses poemas onde a expressão formal se simplifica, a linguagem assume um tom manso e acariciante, chega a uma ternura contemplativa que comove. (28 set. 1974, p. 15)

Guilhermino Cesar, em função da segunda edição do romance ou da novela, como ele caracteriza, *Juca, o letrado*, de Zeferino Brasil, tornou pública, em 14 de agosto de 1976, no “Caderno de Sábado”, o prefácio que escreveu para a edição. Nele, Cesar, além de elogiar a iniciativa da reedição da obra⁴⁷, apresenta uma breve síntese do enredo e insere o autor entre aqueles que defenderam a “trincheira do romance experimental”:

Juca, o letrado não é uma simples excentricidade estilística. Acomoda-se bem entre aqueles autores, ainda tão mal estudados, que defenderam nesta região do Brasil a trincheira do romance experimental, à Zola. [...] Zeferino foi o último elo dessa corrente: superou, aliás, os seus antecessores no concernente à *écriture artistique* ao gosto de Huysmans, dos irmãos Goncourt, do nosso Raul Pompéia e de Eça de Queirós. (14 ago. 1976, p. 3).

⁴⁶ Pseudônimos usados por Zeferino nas publicações na imprensa.

⁴⁷ Essa reedição foi uma promoção da Fundação de Educação do Sport Clube Internacional de Porto Alegre.

Em 12 de julho de 1980, um ano antes do encerramento do “Caderno de Sábado”, o texto “Ruim esquisito”, de Augusto Meyer, ao tratar sobre a edição de *Turbilhão*, primeiro livro de Athos Damascenos, traz uma série de referências ao poeta Zeferino Brazil no que se refere à importância de sua obra para a juventude do início do século XX. Conforme Meyer,

para as letras rio-grandenses, particularmente a poesia, este 1900 em que agora descambamos, arrastando a perna, entrou com o pé direito. Em 1902 e 1903, aparecem *Via sacra* e *Vovó Musa*, livrinhos que durante longos anos apadrinharam as primeiras divagações poéticas dos adolescentes em nossa província lírica. Marcelo Gama e Zeferino Brazil, sem esquecer Eduardo Guimaraens alguns anos depois vinham mostrar que o Rio Grande não criava somente ninhadas agressivas de milicos e caudilhos, como sustentou certa vez Adolfo Caminha. (12 jul. 1980, p. 6).

Ampliando a importância do poeta, Meyer diz não se sentir capaz de abordar as obras *Via sacra* e *Vovó Musa* com objetividade crítica, mas afirma: “Tudo aquilo era leite gordo, mamado nas tetas da poesia, aos doze, aos quinze anos. Sabíamos de cor não sei quantos poemas e alguns sonetos, copiados a letra *ronde* nos álbuns, deram ritmo a não sei quanto namoro, provocaram muito plantão de esquina, à pálida luz do gás”. Relata também que

naquela mesma Praça da Matriz, até os anos Vinte, ainda surgia o poeta boêmio da *Vovó Musa*, de cabelo rebelde e boca amarga, sempre metido na capa espanhola, que traçava num gesto nervoso. Na esquina da Rua Jerônimo Coelho, estacou certa vez diante do nosso grupo, que armava tremendas discussões, e ficou-se a presidir o debate, carrancudo e impassível. (12 jul. 1980, p. 6)

Considerando os textos publicados no “Caderno de Sábado”, Zeferino Brazil é visto: a) como o “maior poeta lírico e também como cronista, ensaísta e dramaturgo (tentou o teatro)”; b) como autor com publicações em 1922, em 1924 e em 1932; c) como “um grande lírico, que punha toda a grandeza de sua sentimentalidade nos versos que escrevia”, como original “sua originalidade lírica era exatamente cantar melodias de um teor clássico sem vestígios de vulgaridade”; d) como “poeta humorístico e crítico, do dia a dia, comentando acontecimentos sociais e políticos” [...], “poeta do dia a dia, do comentarista em verso, do crítico, do humorista, do venenoso “Mefisto”, “Diabo Coxo” ou “Diávolo”; e) como “poeta, cronista, crítico, romancista e teatrólogo” e que deve ser lembrado e homenageado “dando seu nome a um dos logradouros públicos da nossa cidade”; f) como “poeta máximo da última geração extinta”, “como poeta de raízes inalteráveis”, como poeta que não aceita sua indicação à vaga da Academia Brasileira de Letras, cuja campanha estava a cargo do escritor Dyonélio Machado; g) como “considerado pela crítica o maior poeta parnasiano do Rio Grande do Sul”, por alguns “visto como simbolista”, como “romântico”, “um poeta estranho, um pouco anjo, um pouco demônio”; h) como “entre aqueles autores, ainda tão mal estudados, que defenderam nesta região do Brasil a trincheira do romance experimental, à Zola”; i) como “aquele que veio mostrar”, juntamente com Marcelo Gama e Eduardo Guimaraens, “que o Rio Grande não criava somente ninhadas agressivas de milicos e caudilhos”; j) como autor de poesias que foram copiadas pelos mais jovens e que “deram ritmo a não sei quanto namoro”.

Pode-se concluir, portanto, que as referências destacadas no decorrer deste texto confirmam e/ou reafirmam a importância de Zeferino Brazil como poeta, como crítico, como cronista e também como romancista. Convém destacar que a categoria romancista ganha um significado diferenciado, porque, ao ser solicitada a inclusão de seu nome como um representante do “romance naturalista e experimental à Zola”, sugere uma releitura dos seus romances não mais à luz de um episódio particular, mas a partir de um propósito e de um método vinculados ao período de criação dos respectivos textos, pensando em *Juca, o letrado*, publicado em 1900, e *O meio*, publicado em 1922.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *A Província de São Pedro e a história da literatura. Letras de Hoje*, Porto Alegre, n. 106, dez. 1996, p. 81-88.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul: 1737-1902*. Porto Alegre: Globo, 1956.
- _____. Juca, o Letrado. Caderno de Sábado, *Correio do Povo*, Porto Alegre, 14 ago. 1976, p. 3.
- DAMASCENO, Athos. Sacadas e sacadinhas porto-alegrenses. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 63-76, set. 1945.
- JULIO, Sílvio. Elementos populares no trovadorismo galaico-português. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, v. 5, n. 13, p. 125-132, jun. 1949.
- MEYER, Augusto. Ruim esquisito. Caderno de Sábado, *Correio do Povo*, Porto Alegre, 12 jul. 1980, p. 6.
- MORAES, Carlos Dante de. Condições histórico-sociais da literatura rio-grandense. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, v. 9, n. 19, p. 7-18, jun. 1954.
- MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *História da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.
- MOREIRA, Alice Campos. Revista *Província de São Pedro: história*. CD-ROM, *Revista Província de São Pedro (1945-1957) – Catálogo e Texto PUCRS-CNPq – FAPERGS*. Porto Alegre: PUCRS; SEC, 1999, p. 1-3.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- PÓVOAS, Mauro Nicola. *Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX*. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- REGO, José Lins do. Presença de um gigante. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 162, jun. 1945.
- RUSSOMANO, Mozart Victor. A obra de Lobo da Costa. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, v. 7, n. 17, p. 114-126, jun. 1952.
- _____. A vida silenciosa de Alfredo Ferreira Rodrigues. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 47-58, dez. 1953.
- SALDANHA, Heitor. Zeferino Brasil: um poeta estranho. Caderno de Sábado, *Correio do Povo*, Porto Alegre, 28 ago. 1974, p. 15.
- SANMARTIN, Olyntho. O mundo cultural de Porto Alegre na década de 1920. Caderno de Sábado, *Correio do Povo*, Porto Alegre, 18 maio 1968, p. 11.
- _____. O mundo cultural de Porto Alegre na década de 1920. Caderno de Sábado, *Correio do Povo*, Porto Alegre, 22 jun. 1968, p. 8-9.
- _____. Um centenário: Zeferino Brasil. Caderno de Sábado, *Correio do Povo*, Porto Alegre, 25 abr. 1970, p. 7.
- _____. Zeferino Brasil e a Academia Brasileira de Letras. Caderno de Sábado, *Correio do Povo*, Porto Alegre, 25 nov. 1972, p. 4.
- SILVA, João Pinto da. *História Literária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1930.
- SPALDING, Walter. Zeferino Brasil, comentarista do dia a dia. Caderno de Sábado, *Correio do Povo*, Porto Alegre, 25 abr. 1968, p. 8.
- VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. Zeferino Brasil. Caderno de Sábado, *Correio do Povo*, Porto Alegre, 30 set. 1972, p. 15.
- _____. *Dicionário bibliográfico gaúcho*. Porto Alegre: A Nação/SEC, 1991.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

NORMAS EDITORIAIS PARA OS COLABORADORES

- Os *Cadernos Literários* aceitam para publicação ensaios críticos, cujo conteúdo esteja relacionado à literatura, e trabalhos de criação (contos, crônicas, poemas).
- Os trabalhos devem ser, preferencialmente, inéditos e serão selecionados pelo Corpo Editorial desta publicação. Nenhuma alteração será feita nos mesmos sem o prévio consentimento do autor.
- Os trabalhos publicados passam a ser propriedade dos *Cadernos Literários*, ficando a reprodução total ou parcial sujeita à sua autorização. Os originais não serão devolvidos.
- Os autores colaboradores receberão um exemplar do fascículo.
- Os originais devem ser entregues em CD, versão Windows, acompanhados de duas cópias em espaço simples na fonte Times New Roman 12, contendo em média 15 laudas. Para os trabalhos de criação não há limite específico de páginas.
- Além do texto, cada contribuição deverá conter:
 - nome completo do autor;
 - breve currículo do autor de, no máximo, três linhas;
 - título do artigo;
 - palavras-chave.
- A revisão linguística ficará sob a responsabilidade dos colaboradores.
- Ilustrações, desenhos, gráficos etc., indispensáveis à clareza do texto, serão numerados e marcados com o nome do autor, no verso, a lápis, com indicação de suas respectivas posições em relação ao texto, bem como de suas bases (posição correta), a fim de evitar enganos. Esse material deverá ser passível de reprodução e facilmente legível.
- As notas explicativas deverão vir em rodapé e normatizadas de acordo com o prescrito pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).
- As referências bibliográficas deverão ser organizadas de acordo como o prescrito pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).
- Os trabalhos e correspondência em geral deverão ser enviados ao Corpo Editorial desta publicação (ver endereço no verso da folha de rosto).
- O Corpo Editorial desta publicação não se responsabiliza por qualquer opinião emitida nos artigos contidos neste periódico.
- O Corpo Editorial dos *Cadernos Literários* reserva-se o direito de recusar qualquer colaboração que julgue inoportuna ou incondizente com o espírito da publicação.

EDITORA E GRÁFICA DA FURG
CAMPUS CARREIROS
CEP 96203 900
editora@furg.br